

## A biblioteca de Italo Calvino: enciclopédia aberta

Maria Elisa Rodrigues Moreira - UFMG  
Bolsista CNPq

### Resumo:

O presente texto procura discutir a produção de Italo Calvino sob a ótica do enciclopedismo, balizando-se pelas noções de biblioteca e enciclopédia aberta presentes na obra do escritor italiano. A partir da identificação de algumas opções narrativas do autor que podem ser aproximadas do modelo enciclopédico e utilizando o conceito de hipertexto - conforme apontado por Pierre Lévy - como operador de leitura, procura-se apontar as convergências entre a biblioteca e o enciclopedismo. Entendida como o *topos* do diálogo entre diversos textos e sujeitos, como espaço reticular de produção coletiva de conhecimento, a biblioteca de Italo Calvino adquire a forma de uma “enciclopédia aberta”, construída narrativamente e possibilitadora de inúmeras reflexões acerca do fazer literário na contemporaneidade.

### Abstract:

This text attempts to discuss the production of Italo Calvino from the perspective of encyclopedism and in view of the notions of library and open encyclopedia, which are present in the Italian writer's works. Taking as a starting point the identification of some of the author's narrative options, which can be put close to the encyclopedic model, and also by appropriating the concept of hypertext – according to Pierre Levy - as a reading tool, my objective is to bring into light the similarities between library and encyclopedism. Understood as the *topos* of the dialogue between different texts and subjects, and as the reticular space of the collective production of knowledge, Italo Calvino's library acquires the form of an "open encyclopedia," narratively constructed and producer of several reflections on contemporary writing.

**Palavras-chave:** enciclopédia, biblioteca, Italo Calvino

**Word-key :** encyclopedia, library, Italo Calvino

*De modo algum a aquisição de livros se resolve apenas com dinheiro ou apenas com o conhecimento de perito. Nem mesmo estes dois fatores juntos bastam para o estabelecimento de uma verdadeira biblioteca, que sempre contém, ao mesmo tempo, o inescrutável e o inconfundível.*

*Walter Benjamin*

**P**ensar a produção de Italo Calvino sob a ótica do enciclopedismo é tarefa que pode ser realizada através de diversas trajetórias e abordagens, que privilegiem desde o aspecto temático de sua obra – que pode ser, nesse sentido, aproximada do modelo da enciclopédia pela diversidade de assuntos que contempla em seu *corpus* – até suas opções narrativas. Nesse texto procuraremos identificar, utilizando-nos em especial dessa segunda forma de abordagem, as maneiras pelas quais a construção narrativa de Calvino permite que aproximemos sua obra das reflexões advindas do enciclopedismo. Para tanto, utilizaremos o modelo hipertextual<sup>1</sup> - colocado em diálogo com o enciclopedismo - como referencial teórico e operador de leitura para pensarmos em dois importantes e confluentes conceitos utilizados por Calvino – a enciclopédia aberta e a biblioteca – e nas formas como os mesmos são recuperados pelo autor em sua obra ficcional.

A idéia da biblioteca aparece recorrentemente em Calvino como espaço de multiplicidade e diálogo, como um entrelugar a partir do qual o conhecimento e os mais diversos saberes podem ser produzidos e engendrados. O sentido e o conhecimento só vão se construir, para o autor, a partir de uma perspectiva relacional: é apenas a partir do momento em que se coloca em contato com o outro que o saber narrativo adquire consistência, só quando localizado na prateleira de uma múltipla biblioteca um livro pode se definir e concretizar enquanto produtor de significações: “Os livros são feitos para serem muitos, um livro único tem sentido apenas quando se junta a outros livros, quando segue e precede outros livros” (CALVINO, 2002, p. 127).

Por meio dessa perspectiva relacional e dialógica é possível aproximarmos a biblioteca de Calvino do modelo hipertextual – através do qual cada nó pode relacionar-se com todos os outros, originando-os ou sendo deles

originado, intervindo e modificando seu sentido (LÉVY, 1993, 1996) – e das discussões acerca das enciclopédias, suas possibilidades e limites (BARTHES, 1974; D’ALEMBERT; POMBO, GUERREIRO e ALEXANDRE, 2006): “o mundo como um ‘sistema de sistemas’, em que cada sistema particular condiciona os demais e é condicionado por eles” (CALVINO, 1995g, p. 121), em que “cada mudança implica uma cadeia de outras mudanças” (CALVINO, 2004b, p. 137).

A partir desses conceitos, a biblioteca de Calvino pode ser entendida como o *topos* do diálogo entre os mais diversos textos e sujeitos, espaço no qual se pretende tecer uma rede de conhecimentos coletiva, interconectada e transdisciplinar, na qual o contato entre o diverso e o múltiplo é essencial para que cada voz desenvolvida no *topos* da rede adquira plenitude e transforme-se em vetor de conhecimento. Não se quer dizer, com isso, que tais vozes tendem a confluir para uma única voz e a transformar seu espaço de convivência num campo monológico, mas sim que é justamente nas zonas de contato e fronteira, quando vozes diferentes interferem umas sobre as outras, que se dá o avanço e a produção coletiva do saber e da subjetividade; que é nesse entrecruzar de possibilidades, no “recordar com uma memória alheia” (PIGLIA, 2004, p. 46), retomando a palavra do outro e dela apropriando-se, citando-a e a preenchendo com um outro timbre, que a inteligência coletiva manifesta sua produção de saberes.

Ao colocar-se em contato com o diverso, um livro modifica os outros, bem como o contexto no qual se insere e aqueles que com ele têm contato. Porém, este livro é, ao mesmo tempo, modificado pelos outros. A noção da biblioteca funciona, assim, como metáfora do espaço reticular da produção do saber, espaço onde uma totalidade de objetos nunca completa ou cristalizada relaciona-se constantemente com outros objetos na mesma situação, num processo contínuo e ininterrupto de produção de sentidos no qual a estranheza é mola propulsora do conhecimento. É nesse olhar transversal, cruzado, característico de determinados modelos enciclopédicos e hipertextuais, que identificamos a principal característica da biblioteca em Calvino: um espaço de diálogo entre os mais diversos saberes, entre os mais diversos textos, e em cujas brechas, deslindes e



desbordes se produz um outro saber, um saber narrativo poroso, aberto, interminavelmente conectável e configurado justamente a partir dessas conexões.

A biblioteca é o espaço no qual vários textos, vozes e campos de saber distintos dialogam, cruzam-se de todas as formas possíveis, reforçando-se, ecoando-se, neutralizando-se, apagando-se: de cada conexão surgem novos textos, novos sentidos, novas subjetividades. Através da idéia da biblioteca, Calvino coloca em articulação dentro de um mesmo campo narrativo o que é diverso, e reafirma a margem, a fronteira, a borda, como o espaço onde se produzem os saberes a partir de um movimento perpétuo de conexões interativas entre os mais diferentes elementos:

Um livro é escrito para que possa ser ajuntado a outros livros, para que entre numa prateleira hipotética e, nela entrando, de alguma maneira a modifique, tire de seu lugar outros volumes ou os faça retroceder para a segunda fila, reclame o avanço para a primeira fila de alguns outros. (CALVINO, 2002a, p. 193)

(...) quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, 1995, p. 138)

Incorporando essas reflexões em seu fazer narrativo, o escritor italiano produziu uma obra que é, ela mesma, espaço de diálogo, texto desbordante que transita entre ficção e ensaio, reflexão criativa na qual ciência, literatura e arte são inventariados e transformados em elementos para a composição de um saber outro, que incorpore a diversidade e a certeza de sua impossibilidade de totalização, movimento já percebido pelos novos estudos dedicados a pensar a enciclopédia (POMBO, 2006; FEATHERSTONE e VENN, 2006). Aproximando-se, pela via do inventário, da diversidade e da multiplicidade dos modelos enciclopédicos e hipertextuais, a ficção de Calvino inscreve em si mesma as reflexões do autor.

Em *As cidades invisíveis*, Marco Polo percorre um mapa fictício no qual as cidades funcionam como mote para as discussões com o imperador Kublai Khan, nas quais se discorre sobre filosofia, ciência, linguagem, representação,

história, memória... Seria possível pensar o texto em questão como uma série de verbetes de uma vasta enciclopédia, repleta de entradas distintas e de percursos de leitura que podem compor um saber múltiplo e variável conforme os trajetos de leitura e investigação seguidos, entradas essas que se iluminam e obscurecem simultaneamente:

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar explicar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado mais remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (CALVINO, 2004, p. 28)

Já para compor *O castelo dos destinos cruzados*, Calvino utiliza dois campos narrativos - a narrativa iconográfica do tarô, cujas representações gráficas aparecem às margens do texto, e a narrativa literária - articulados pelo movimento dos personagens e do narrador/leitor. Em volta da mesa de um castelo vários personagens narram, através de um baralho de tarô, a história de suas vidas. A mesa vai sendo preenchida com as cartas do tarô escolhidas pelo personagem que apresenta sua história, cuja narrativa só se efetiva com a participação do leitor-intérprete - no caso, o narrador - num movimento repleto de possibilidades, avanços, recuos e transformações. Diante dessa narrativa iconográfica um narrador-leitor, não muito seguro de sua interpretação, relata sua própria experiência de leitura, marcada por dúvidas, hesitações e correções.

É, assim, a partir da distribuição espacial das cartas na mesa que tempo, ação e personagens vão sendo delimitados. E a história do castelo só se completa com a participação de todos os personagens, com a junção de todas as pequenas histórias que, se não se cruzam no campo da diegese, se encontram no campo discursivo. A interação se faz necessária para que a história do castelo possa ser construída, e os personagens que circundam a mesa constroem uma rede cuja centralidade se desloca a cada momento, até que todas as cartas do



baralho de tarô tenham sido utilizadas, construindo um texto com múltiplas entradas e diversas associações e remissões:

O quadrado agora se encontra inteiramente recoberto de cartas de tarô e de histórias. (...) De fato, a tarefa de decifrar as histórias uma por uma fez-me negligenciar até aqui a peculiaridade mais saliente de nosso modo de narrar, ou seja, que cada relato corre ao encontro de outro relato e, enquanto um dos convivas dispõe sua fileira, outro comensal no outro extremo da mesa avança em sentido oposto, de modo que as histórias contadas da esquerda para a direita ou de baixo para cima podem ser igualmente lidas da direita para a esquerda ou de cima para baixo, e vice-versa, tendo-se em conta que as mesmas cartas apresentando-se numa ordem diversa não raro mudam de significado, e a mesma carta de tarô serve ao mesmo tempo a narradores que partem dos quatro pontos cardeais. (CALVINO, 1994, p. 63)

A mesa do castelo pode ser pensada, assim, como o espaço do desenvolvimento da história, para a qual a distribuição espacial das cartas é fundamental; ela é o espaço do hipertexto, uma grande enciclopédia, uma rede narrativa reticular construída por Calvino a partir dos elementos do tarô.

Outro livro no qual podemos perceber ecos do enciclopedismo e da biblioteca de Calvino é *Se uma viajante numa noite de inverno*, no qual o autor discute diversas questões relativas à literatura e à teoria literária: o livro narra o percurso do Leitor, protagonista da obra, na tentativa de leitura de um determinado livro, sendo este objetivo impedido pelos mais diversos e improváveis acontecimentos. Nos interessa ressaltar, aqui, o aspecto mais geral dessa trama narrativa e a possibilidade de aproximação da mesma com a biblioteca e a enciclopédia: o leitor acompanha, ao longo do livro, a jornada sem fim do Leitor em busca de um determinado livro, busca essa que sempre o leva a outro livro, e a outro livro, e a outro livro... O Leitor encontra-se em uma biblioteca na qual técnicas narrativas, estilos literários, discussões críticas e teóricas vão constantemente direcionando umas às outras, de modo que a cada passagem entre esses objetos a rede se modifica, apresentando novos nós e conexões.

Na narrativa de Calvino descobrem-se a cada movimento outras vozes, citações e referências a outros textos e estilos, desdobramentos de uns nos outros, numa rede crescente de narrativas que poderia ser desenvolvida e desdobrada infinitamente. *Se um viajante* poderia ser pensado, assim, como uma espécie de enciclopédia sobre o literário, como um livro no qual os saberes sobre a literatura são reunidos e colocados em diálogo, num movimento que pretende não a totalidade do conhecimento, mas a produção de saber a partir do diálogo entre as mais diversas informações e reflexões sobre a literatura.

A essa perspectiva de produção de conhecimento as teorias de rede e a enciclopédia permitem reflexões que possibilitam aos estudos literários um olhar mais dinâmico, vetorial e confluyente, no qual se admita a convivência entre o diverso como constituinte de um objeto pautado pela complexidade que o especifica. Sob essa perspectiva é possível perceber que a produção de um saber narrativo corre paralelamente à discussão sobre a impossibilidade do saber como conhecimento que se queira totalizante, completo, unívoco: através da narrativa é possível a construção de um saber que é múltiplo, dinâmico e por vezes contraditório; um saber capaz de agregar em si a diversidade e produzido numa zona fronteira que ele mesmo constantemente desloca e altera.

Como característica principal desse saber construído a partir de uma arte contemporânea que traz em si traços do enciclopedismo identificamos a mudança, a transitoriedade, a noção de conhecimento como multiplicidade, enfim, o que Calvino chama de incapacidade de concluir: se da literatura deve sempre libertar-se uma força centrífuga, se hoje ela só pode ser pensada na forma de uma “enciclopédia aberta” - expressão que ao mesmo tempo evoca a busca da totalização e sua impossibilidade - a reflexão sobre a literatura precisa também permitir essas linhas de fuga ao diverso e ao desejo de totalização.

## REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. As pranchas da enciclopédia. In: BARTHES, Roland. *Novos ensaios críticos seguidos de O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 27-41.
- BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. Um discurso sobre o colecionador. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras escolhidas. v. 2. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CALVINO, Italo. *O castelo dos destinos cruzados*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995a.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.



CALVINO, Italo. Il libro, i libri. In: CALVINO, Italo. *Mondo scritto e mondo non scritto*. Milano: Mondadori, 2002. p. 126-141.

CALVINO, Italo. Per chi si scrive? (Lo scaffale ipotetico). In: CALVINO, Italo. *Una pietra sopra: discorsi di letteratura e società*. Milano: Mondadori, 2002a. p. 193-198.

CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Discurso preliminar de la enciclopédia*. Disponível em: <[http://www.antorcha.net/biblioteca\\_virtual/filosofia/enciclopedia/caratula.html](http://www.antorcha.net/biblioteca_virtual/filosofia/enciclopedia/caratula.html)>.

Acesso em: <15 set. 2007>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Rizoma. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. v.1. p. 11-37.

FEATHERSTONE, Mike; VENN, Couze. Problematizing Global Knowledge ant the New Encyclopaedia Project. An Introduction. In: *Theory, Culture & Society*. v. 23 (2-3), p. 1-20, 2006.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Ed.) *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006.

POMBO, Olga. O hipertexto como limite da idéia de enciclopédia. In: POMBO, Olga; GUERREIRO, António; ALEXANDRE, António Franco (Ed.) *Enciclopédia e hipertexto*. Lisboa: Duarte Reis, 2006. p. 266-301.

## NOTAS

---

<sup>1</sup> O modelo de hipertexto utilizado é o proposto por Pierre Lévy, que o considera uma “metáfora válida para todas as esferas da realidade em que significações estejam em jogo” (LÉVY, 1993, p. 25). De acordo com o autor, o hipertexto é caracterizado a partir de seis princípio básicos, capazes de lhe conferir a mobilidade que lhe define, quais sejam: princípio de metamorfose, princípio de heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de exterioridade, princípio de topologia e princípio de mobilidade dos centros. A partir dessas características, é possível aproximarmos o hipertexto, enquanto modelo conceitual, das discussões contemporâneas acerca do enciclopedismo, conforme apresentadas em Pombo, Guerreiro e Alexandre (2006).